

# *Os pobres em Sêneca\**

FÁBIO FAVERSANI  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO

## **RESUMO**

Neste artigo, temos por finalidade discutir a maneira pela qual Sêneca aborda a idéia de pobreza no Alto Império. Em sua obra, verificamos que a pobreza é fruto da inserção dos agentes em determinados contextos de interações interpessoais, mais do que o produto de determinantes estruturais ou superestruturais que por si desqualificariam setores da população.

**Palavras-chave:** Império Romano; Sêneca; Pobreza.

## **ABSTRACT**

In this article, we aim at analyzing Seneca's views about poverty in the Roman Empire. According to him, poverty is a result of the interactions among social agents and not properly a result of some structural conditions responsible for marginalizing some groups or classes within the Roman society.

**Keywords:** Roman Empire; Seneca; Poverty.

*Um dia que tenhamos tempo, haveremos de examinar a questão da substância da riqueza e da pobreza.*

*Sêneca*

**I**NFELIZMENTE, SÊNeca NÃO CHEGOU A TER tempo de escrever o que prometeu no excerto em epígrafe. A pobreza era uma noção central para os romanos, mas o exame de sua substância não era feito.<sup>1</sup> Ao invés disto, os romanos de então utilizam este conceito de forma bastante generalizada e em contextos os mais diversos. Isto acaba dando um caráter polissêmico a este termo que, longe de ser um problema, talvez seja a razão de seu amplo emprego.

Como a idéia de escravidão em Sêneca não se limitava meramente a uma situação jurídico-estatutária, dada pelo Estado, sendo vista muito mais como uma postura ética, a condição de pobre não estava restrita a uma situação socioeconômica, dada pelo mercado.<sup>2</sup>

A idéia de pobreza não é dada por critérios objetivos, socioeconômicos. A condição de pobre em Sêneca pode ser o resultado de diferentes variáveis, como de resto ocorre como todas as posições sociais nos escritos de Sêneca.<sup>3</sup> Para se ter alguma promoção social, era preciso acumular honras, riquezas e favores. A aferição da suficiência dos acúmulos obtidos, contudo, era dada como? Qual a medida para se determinar se teriam sido alcançados acúmulos suficientes para superar a condição de pobreza?

Para procurar respostas a estas questões, retornamos às conclusões a que chegamos sobre a definição de pobreza em nossos trabalhos anteriores e que nos parecem ser confirmadas pelas evidências documentais propiciadas pelas obras de Sêneca.<sup>4</sup> A pobreza é, em Sêneca como em Petrônio, um juízo social. A condição de pobre não é dada abstratamente, pensada como um segmento da sociedade marcado por características socioeconômicas tão-somente. A pobreza não é dada meramente pela carência ou ausência de algo que seja arbitrado universalmente. O que produz a posição de pobre é sua inserção em uma posição de inferioridade em um quadro específico de interações. Um indivíduo, ao interagir com os demais, constrói seu lugar social. Sêneca afirma que essa posição pode ser de inferioridade, superioridade ou igualdade com relação a outros agentes.<sup>5</sup> Dentro de um quadro concreto de interações construído pelos agentes, alguns afirmarão uma condição de superioridade social e terão essa condição legitimada pelos demais, que o verão como tais. Os pobres são aqueles que, por meio de sua ação positiva, assumem uma posição de inferioridade nesse quadro de interações. Desse modo, o pobre não é visto como alguém a

quem falta algo, um agente com certas incapacidades, mas como aquele que se coloca afirmativamente no meio social.<sup>6</sup>

A pobreza é, assim, uma noção relativa. Alguém é pobre em relação a outrem e não por si mesmo, devido apenas a limitações de sua inserção no quadro jurídico-estatutário ou no mercado. Isso significa dizer que alguém pode ser pobre em relação a certos agentes e rico em relação a outros. Em outras palavras, um indivíduo pode ser, ao mesmo tempo, pobre e rico. Com isso, as fronteiras entre o universo da pobreza e da riqueza tornam-se bastante maleáveis e não são universalizáveis.

Por isto Sêneca trata a pobreza basicamente de duas maneiras. A primeira delas é bastante concreta e mensurável, quando ele trata de um quadro de interações dado. Essa concepção é aquela a que procuramos dar uma percepção conceitual que nos possibilite uma análise mais acurada das informações oferecidas pela obra de Sêneca. A segunda maneira surge quando nosso autor trata da pobreza de forma genérica, sem se concentrar em uma situação dada. Neste momento, então, apresenta o universo da pobreza e os agentes que o compõem de um modo bastante largo. Trata do vulgo, da multidão, do povo etc. Jamais se preocupa em responder quem seriam os elementos que personalizariam esses conceitos.

Ficamos com a impressão de que ele trata das pessoas de sua sociedade como um todo. Isto se deve ao fato de que a imensa maioria das pessoas, efetivamente, são, em algum momento inferiorizadas por outras em um quadro dado de interações. A exceção seria o imperador. Assim, para Sêneca, todos os demais agentes seriam, em algum momento ou de alguma forma inferiorizados por outros e, portanto, de algum modo, pobres. Esse uso mais frouxo do que é o povo e o universo popular é bastante presente no pensamento de Sêneca.<sup>7</sup> É designativo de um amplo conjunto de acepções que se ligam a uma apreciação ético-moral negativa do filósofo. Refletem pessoas que adotam formas de comportamento vistas por ele como sendo as de uso comum, e viciosas, distantes da virtude, opostas ou ignorantes – mormente ambas – com respeito ao que seria próprio ao sábio.

Examinemos, assim, inicialmente, a primeira modalidade de apreensão da pobreza que aparece nas obras de Sêneca, ou seja, aquela colocada dentro de um quadro concreto de interações.

Ao longo das cartas escritas por Sêneca a Lucílio, percebemos que as interações sociais são um instrumento de aferição da condição social dos agentes. É isso que Sêneca nos mostra claramente na carta XLIII, 1-3:

Não deves medir-te em relação à distância que te separa de Roma, mas sim em relação ao lugar onde resides. Qualquer objeto que sobressaia entre os objetos vizinhos só é grande no local onde sobressai. A grandeza não tem medida certa, é a comparação que a torna maior ou menor. Um barco que parece enorme no rio é minúsculo em pleno mar; um leme pode ser grande para uma embarcação e pequeno para outra. Na província onde estás, por muito pouco que estimes teu valor, és uma personalidade.

Além disso, as interações sociais são apresentadas como um importante trunfo de estabilidade social <sup>8</sup>:

Os inconvenientes do desprezo podem ser atenuados ou pela prática de boas ações ou pelas relações de amizade com pessoas que tenham influência sobre alguém especialmente influente; será útil cultivar tais amizades, sem, no entanto, nos deixarmos enredar por elas, não vá a proteção sair mais caro do que o próprio risco.

É claro que essa comparação das “grandezas” sociais utiliza padrões. Um deles é dado pelas diversas formas de interação entre os agentes. Isso é mostrado na carta XLVII, 8, quando Sêneca, defendendo-se, afirma que:

Haverá neste momento quem diga que eu pretendo dar aos escravos o barrete dos libertos e fazer descer os senhores de seu pedestal pelo fato de ter afirmado “ser preferível para o senhor inspirar mais respeito do que medo?” “Pois que?” – dirão – “Que nos respeitem como se fossem nossos clientes, nossos protegidos?”

Obviamente que não era confundir os padrões de controle social que Sêneca pretendia com sua filosofia, mas, pelo contrário, fazê-los funcionar dentro dos limites que a negação corrente da natureza por seus contemporâneos permitiria. Esse instrumento de aferição dos lugares na hierarquia social é apresentado também em XVIII, 3, onde afirma ao humilde Lucílio que: “As tuas relações de amizade com a melhor nobreza colocaram-te sob o olhar do público.” Ou seja, não é Lucílio que ocupa, independente de outros indivíduos, uma posição destacada. São os olhares que percebem que ele ocupa um lugar com relação aos outros que produz essa posição. Trata-se do reconhecimento de um posicionamento que foi elaborado pelo cultivo de certas relações, de certo tipo de interação, nomeadamente “relações de amizade com a melhor nobreza”.

Outro mecanismo comparativo é dado pelas ordens jurídicas. É o que temos na afirmação de Sêneca a Lucílio em XLIV, 2: “Tu és um cavaleiro romano, e foi graças à tua atividade que chegaste a essa ordem. Muitos há, todavia, aos quais as catorze filas permanecem inacessíveis, nem todos têm entrada no Senado” Contudo, esse elemento não é absoluto.

Como Sêneca deixa claro, não bastava o acúmulo de certos signos distintivos para ter garantido o ingresso em uma situação jurídico-estatutária mais elevada. Para tanto, era preciso mais do que uma situação meramente individual. Sem boas relações, sem uma inserção em uma rede de interações que produzissem o reconhecimento e a legitimação desses signos de afirmação social, nada ocorria. Não bastava chegar à porta do Senado. Era preciso ter amigos que a abrissem para que ocorresse a admissão. Não se fazia um senador ou um equestre apenas com o acúmulo do censo exigido.

Além disso, as divisões jurídico-estatutárias não correspondiam em absoluto à hierarquia social. Sêneca mesmo é quem nos alerta para isso. À seqüência dessa passagem que citamos, ele destaca que “as diferentes condições sociais foram confundidas por longa série de perturbações, toda a fortuna elevou ou abateu”.<sup>9</sup> Em LXXXVI, 7, temos mais uma apresentação do tema quando Sêneca escreve, com ironia, que: “E, por enquanto até estou falando das canalizações da plebe; que não dizer quando me referir aos banheiros dos libertos!” Além disso, devemos considerar os elementos de distinção social derivados de vantagens aferidas no mercado, que já foram apresentadas anteriormente.

Em Sêneca, os símbolos obtidos na esfera superestrutural, caracterizadores de uma situação estamental, e aqueles advindos do universo estrutural, delimitadores de uma situação de classe, além das relações sociais estabelecidas entre os agentes, por si mesmas, são incapazes de indicar a condição social do agente. A condição social, em Sêneca, não deriva nem de uma situação estamental, nem de uma situação de classe, nem de uma colocação específica nas relações sociais por si. É uma combinação desses três níveis que gera a condição social. Essa forma de hierarquização leva, em Sêneca, a uma confusa apreensão da pobreza.

Passemos, então ao exame de como Sêneca nos apresenta a pobreza em geral, fora de um quadro específico de interações. Em primeiro lugar, os pobres são muitos. Diz Sêneca: “Vou empobrecer, serão mais numerosos meus semelhantes”.<sup>10</sup> Eles vivem na necessidade<sup>11</sup> e suas moradias são insalubres.<sup>12</sup> Além disso, têm as mais diversas origens.<sup>13</sup>

Além de numerosos, trabalham inutilmente a serviço do luxo. Laboram, portanto, contra a natureza e a razão. Segundo Sêneca:

A natureza dá-nos em abundância o que naturalmente necessitamos. A civilização do luxo é um desvio em relação à natureza: dia-a-dia cria novas necessidades, que aumentam de época em época; o engenho está a serviço dos vícios!<sup>14</sup>

Os pobres poderiam tentar ganhar a vida pelo trabalho lícito ou recorrendo a atividades ilícitas.<sup>15</sup> Para procurar impor um incentivo negativo a essa opção, utilizava-se de um violento aparato de repressão, que se pensa, em geral, voltado exclusivamente para os escravos.<sup>16</sup> Sêneca nos fala sobre o ambiente em que se desenrolam os julgamentos, perguntando-se por que ter medo dele:

Para quê essa outra exibição de gládios e fogueiras, essa multidão de carrascos que se agita à tua volta? Despoja-te desse aparato sob o qual te ocultas para assustar os insensatos: tu és apenas a morte, aquela morte que ainda há pouco o meu escravo, a minha escrava afrontaram sem temor! Para quê essa outra exibição, em grande estilo, de chibatadas e mesas de tortura? Para quê todo esse cortejo de instrumentos especializados cada um em esquartejar a sua parte do corpo, todas essas máquinas destinadas a reduzir um homem a pedaços?<sup>17</sup>

Essa multidão de pobres traz, em si, um dado de possível virtude<sup>18</sup> irrealizada, pois, para ele: “Objeto de louvor não é a pobreza, mas sim o homem que não se deixa vencer nem abater pela pobreza”.<sup>19</sup> Ou seja, o ser pobre, em si, não constitui mérito.<sup>20</sup> Apenas age com virtude aquele que vive pobremente por perceber que tudo quanto lhe é externo não lhe pertence.<sup>21</sup> As coisas que a Fortuna nos permite possuir podem a qualquer tempo ser de nós extraídas por um capricho dessa mesma Fortuna. Pois, assim sendo, o melhor é estar pronto a dispensar a riqueza. Viver sem ela porque não a tem, como os pobres, é diferente de estar preparado para fazê-lo em função de uma deliberação racional, como o sábio. Por isso que, para Sêneca, aqueles que vivem na pobreza são azarados e não sábios.

Mesmo assim, ele vê como vantajoso não ter nada a perder. Os que nada têm estão livres do temor<sup>22</sup> e dos aborrecimentos impostos pelas obrigações que afligem os ricos<sup>23</sup>. Além disso, não precisam temer nem mesmo os ladrões.<sup>24</sup>

Sêneca vê vantagens decisivas em viver na pobreza. Conforme suas palavras: “O estudo da filosofia não dará fruto se não adotares uma vida frugal; ora,

a frugalidade não passa de pobreza voluntária”.<sup>25</sup> A pobreza, além disso, como a escravidão, é algo externo ao homem, sendo, portanto, irrelevante para se julgar um homem.<sup>26</sup> Contudo, ele esclarece que, pessoalmente, ainda não conseguiu se desvencilhar das comodidades propiciadas pela riqueza e, mais, da vergonha de não poder mostrar aos outros que dela goza. Como ele confessa a Lucílio: “Ainda não ousou praticar a frugalidade em público, ainda me preocupa a opinião dos outros”.<sup>27</sup>

Não se aprende a viver pobremente com os pobres. Que se dirá do resto? Segundo o filósofo: “Se queres escutar a razão, eis o que ela te dirá: deixa de uma vez tudo quanto seduz à multidão!”<sup>28</sup> Para Sêneca, a multidão seria sempre irracional<sup>29</sup>, chegando a agir contra seu próprio interesse: “Nem Catão sobreviveu à liberdade nem a liberdade sobreviveu a Catão. E tu julgas que a multidão que lhe tirou a pretura ou a toga, que sua cabeça sagrada cobriu de nódoas, poderia injuriar tal homem?”<sup>30</sup>

Essa multidão, além disso, seria corrupta. Tratando dos processos eleitorais, diz: “Não se conquista o favor popular por processos limpos”.<sup>31</sup> Falando dos discursos públicos, afirma que “a eloquência vulgar, essa não se orienta minimamente para a verdade. O seu propósito é agitar a multidão, atrair auditores pouco cultivados”.<sup>32</sup> E como, aos olhos de Sêneca, essa multidão era corrompida e alheia à virtude, tal eloquência sempre os atingia.<sup>33</sup>

Conforme a mesma lógica, mais uma vez, seguir a opinião comum é um erro, “mau conselheiro em tudo e modelo de inconstância nestes casos, como de resto em todos!”<sup>34</sup> Assim, temos que os oradores se pautam pelos vícios da multidão procurando agradá-la. Esta por sua vez, deixa-se levar pelos discursos afastados da virtude de oradores corrompidos. E, nesse vai e vem, o vício e a irracionalidade crescem sem medida, perigosamente para todos que se dão a jogar esse jogo de vida e morte... Sêneca alertará para esse perigo:

Freqüentemente a ira produz levantamentos de massa. Homens, mulheres, velhos, crianças, chefes e povos concordam, e a multidão, agitada por algumas palavras, vai mais longe que o agitador. Corre-se ao ferro e ao fogo; declara-se guerra aos povos vizinhos; faz-se guerra contra os cidadãos; queimam-se casas com a família dentro; e o orador querido, outrora coberto de honras, cai diante da ira do tumulto que produziu; legiões voltam suas armas contra seu general; o povo inteiro se separa do Senado; o Senado, este conselho público, sem esperar as eleições, sem nomear um general, reúne os ministros de sua ira e perseguindo nobres jovens nas casas, ele próprio se faz executor dos suplí-

cios. Ultrajam-se os embaixadores com menosprezo pelo direito das gentes, e uma fúria criminosa toma a cidade; não se dá tempo para que a ira pública se aplaque, mas prontamente se lançam ao mar frotas carregadas de soldados que se amontoam apressadamente nelas. Nada de formalidades, nada de auspícios: o povo se precipita sem outro guia que sua própria ira, sem outras armas do que as proporcionadas pelo acaso e pilhagem, para expiar depois com sangrenta derrota a temerária audácia de sua fúria.<sup>35</sup>

Claramente, Sêneca recomendará que se afaste tanto quanto possível dessa verdadeira “massa doida”. Entre a multidão estão dispersos todos os vícios que se possa imaginar. Não se trata meramente de um somatório de vícios e viciosos. Há uma potencialização do afastamento da virtude em meio à massa. Essa energia resultante da conjugação dos impulsos individuais seria tão forte a ponto de abalar até mesmo os sábios:

É-nos prejudicial o convívio com muita gente: não há ninguém que nos não pegue qualquer vício, nos contagie, nos contamine sem nos darmos por isso. Assim, quanto maior é a massa a que nos juntamos, tanto maior é o perigo. E não há nada tão nocivo aos bons costumes como ficar a assistir a algum espetáculo, pois é pela via do prazer que os vícios se nos insinua mais facilmente. [...] Sócrates, Catão, Lélío – uma multidão inteiramente antagônica poderia abalar o seu caráter. Mesmo nós – e se nos esforçamos por robustecer o nosso caráter! –, nenhum de nós seria capaz de fazer frente à avalanche dos vícios no meio de uma turba. [...] Por vão desejo de tornares conhecido o teu talento não deves te misturar com o público a ponto de desejares fazer leituras ou participar em debates. Aconselhar-te-ia a fazê-lo se tivesses mercadoria adequada a esta gente; mas entre ela não há quem pudesse entender-te.<sup>36</sup>

O conselho de Sêneca não era seguido comumente.<sup>37</sup> Em geral, buscava-se o favor popular; muitos deixavam-se contaminar. É dessa constatação que Sêneca extrai a próxima reflexão que citamos: “Chamo de vulgo não só os que vestem roupas vulgares, mas também aqueles que usam roupas caras, porque não vejo as cores que cobrem os corpos”.<sup>38</sup> Como o que caracterizava o vulgo era a sua irracionalidade e sua adesão decidida aos vícios, Sêneca, partindo de uma apreciação ético-moral, não vacila em impor a membros da elite uma caracterização



que marcaria primordialmente os pobres.<sup>39</sup> Era preciso, a seu ver, constranger aqueles que se deixavam levar pelos desvarios da multidão.

Sêneca não deixa de registrar que seu desprezo pelo julgamento da multidão<sup>40</sup> não ficava sem retribuição.<sup>41</sup> Tratava-se de uma relação de mútua intolância e incompreensão.<sup>42</sup>

Essa multidão era desprezível para Sêneca, mas ele não a considerava inofensiva. Ela vivia imersa nos vícios, procurando os prazeres e não as virtudes que a pobreza poderia propiciar. Não tendo os recursos que tinham os dissipadores, procuravam os *ludi*<sup>43</sup>, as tabernas<sup>44</sup> e os prostíbulo<sup>45</sup>, entre outros espaços.

O que faz a multidão mais temível, contudo, é a equívoca capacidade de se compreender essa massa de indivíduos desinteressantes, pouco cultivados, vulgares e tudo o mais quanto se queira. Sêneca não era capaz de compreender em que sentido e com que motivações agiriam os pobres de forma conjunta. É o que fica claro quando Sêneca nos fala sobre “homens a quem a ira ou inveja do povo (arma terrível, mesmo para os melhores!) destruiu inesperadamente quando nada o fazia prever, à maneira de uma tempestade que surge quando tudo pressagia bom tempo”.<sup>46</sup> Uma das armas mais usadas para se destruir alguém eram os temidos boatos.<sup>47</sup>

Algumas motivações, contudo, seriam claras para que o povo se levantasse. Aqueles que viviam em meio a uma necessidade constante não toleravam nem compreendiam quaisquer razão para crises de abastecimento. Como Sêneca destaca, tratando do prefeito da anona: “Tu lidas com o ventre dos homens! O povo esfaimado não dá ouvidos à razão, não se aplaca pela moderação, nem se dobra a nenhum argumento”.<sup>48</sup>

Como vimos, Sêneca apresenta a estrutura social como algo que não é claramente desenhado e que também não é estável. A hierarquia social não é constituída apenas a partir de elementos econômicos (controle de terras, por exemplo) e estatutário-jurídicos (pertença a uma ordem jurídica), que têm sido os dois critérios fundamentais utilizados pelos estudiosos. Há de se atentar também a outro elemento de hierarquização social, qual seja, as relações interpessoais. Essas, para se constituírem, dependem da utilização dos influxos gerados pelos níveis estrutural e superestrutural. Essas interações interpessoais, por integrarem em seu funcionamento esses *outputs* criados pelos agentes na estrutura e na superestrutura, aparecem em Sêneca como uma chave interessante para se analisar a hierarquia social.

É importante destacar que as interações pessoais sobrepõem o nível das interações estritamente individuais (relações binomiais entre os agentes). Elas

compõem um nível social (representado pelo conjunto de relações interpessoais estabelecidas por cada um dos agentes, que podem servir para compor grupos sociopolíticos que competem entre si) e alcançam, ainda, um nível sistêmico ou societal, por meio da realização dos conflitos e da criação de identidades e elaboração de consensos e construção da agenda pública, envolvendo os diversos grupos sociais no nível da sociedade civil.

Como fizemos notar até aqui, as interações pessoais estabelecidas pelos agentes têm papel fundamental na forma como Sêneca apreende os setores sociais subalternos. A estrutura e a superestrutura geravam uma posição social mais ou menos elevada, mas não determinavam uma condição social. Sendo assim, parece adequado afirmar que o estatuto de cidadão correspondia a uma posição social mais elevada do que aquele de escravo. Mas isto não permite afirmar que os cidadãos tiveram sempre uma condição social mais elevada que os escravos. Outras variáveis podem, em casos específicos, produzir certos escravos com condição social mais elevadas que determinados cidadãos. O mesmo pode ser dito para aqueles que controlavam muitos recursos materiais frente aos que se viam na miséria. A posição social de endinheirado é superior à de miserável, endividado. Mas isto não é suficiente para determinar a condição social. Outros fatores interferem nesta estimativa e haverá indivíduos em situação econômica precária com uma melhor condição social que certos endinheirados.

Os fatores que entram em jogo na produção da condição social são múltiplos e podem ter pesos diversos conforme o contexto em que são estimados. O complexo e variável quadro que Sêneca constrói com relação aos diversos fenômenos ligados aos pobres e à pobreza é uma testemunha disto.

Neste sentido, as interações pessoais parecem ser, a nosso ver, uma importante chave de análise para a complexa hierarquia social do Império Romano e suas fronteiras. As interações sociais, ao se realizarem, ao mesmo tempo que estimam os diversos elementos que podem gerar diferentes posições sociais, precisam sintetizar e explicitar esta estimativa conjunta das posições sociais em uma condição social determinada. Ao se inserir em um quadro de interações pessoais que cada um dos agentes assume uma posição hierárquica superior, equivalente ou inferior, em complexas e extensas redes.

Nossa conclusão é que a condição de pobre em Sêneca é fruto da inserção dos agentes em determinados contextos de interações interpessoais, mais do que o produto de determinantes estruturais ou superestruturais que por si desqualificariam setores da população.

### REFERÊNCIAS

- FAVERSANI, Fábio. *A pobreza no Satyricon, de Petrônio*. Ouro Preto: Edufop, 1999.
- FAVERSANI, Fábio. *A sociedade em Sêneca*. Tese de Doutorado em História Econômica. São Paulo: FFLCH-USP, 2001.
- JOLY, Fábio Duarte. *A escravidão na Roma Antiga*. Política, economia e cultura. São Paulo: Alameda, 2005.
- SALLER, Richard. *Personal Patronage under the Early Empire*. Cambridge: Cambridge University Press, 1982.

### NOTAS

\* Artigo submetido à avaliação em 4 de setembro de 2008 e aprovado para publicação em 16 de setembro de 2008.

<sup>1</sup> Para tomar uma outra obra da mesma época que os escritos de Sêneca que escapa ao tratamento da “substância” da pobreza, mas de uma forma satírica, lembramos o *Satyricon*. Na *Cena Trimalchionis* lemos um diálogo entre o anfitrião e seu convidado erudito, Agamemnon. Trimalchio pergunta: “Quid est pauper?” Ao que Agamemnon não responde: “Urbane inquit Agamemnon; et nescio quam contruersiam exposuit”. (*Sat.* XLVIII, 5)

<sup>2</sup> Para uma discussão sobre este tema em diversos autores antigos e modernos, cf. JOLY, Fábio Duarte. *A escravidão na Roma Antiga*. Política, economia e cultura. São Paulo: Alameda, 2005., especialmente o capítulo “escravidão e cultura: teorias e metáforas”.

<sup>3</sup> Cf. FAVERSANI, Fábio. *A sociedade em Sêneca*. Tese de Doutorado em História Econômica. São Paulo: FFLCH-USP, 2001. especialmente o cap. IV.

<sup>4</sup> FAVERSANI, Fábio. *A pobreza no Satyricon, de Petrônio*. Ouro Preto: Edufop, 1999, pp. 79-89.

<sup>5</sup> Para um exemplo: *De Ira*, II, XXXIV, 1.

<sup>6</sup> A obra que segue sendo uma referência sobre a importância das relações interpessoais no Império Romano é SALLER, Richard. *Personal Patronage under the Early Empire*. Cambridge: Cambridge University Press, 1982.

<sup>7</sup> Bem como o povo, a massa, a multidão, os trabalhadores, os pobres, a opinião pública, o uso corrente, o modo vulgar etc., nos dias de hoje, são expressões de uso não qualificado no mais das vezes.

<sup>8</sup> *Epistulae Morales*, CV, 5.

<sup>9</sup> *Idem*, XLIV, 4.

<sup>10</sup> *Idem*, XIV, 17. Cf., ainda, *De Clementia*, I, 6.

<sup>11</sup> Sêneca, conforme já foi indicado, recomenda o suicídio ou o total conformismo aos que vivem na miséria. Em *De Vita Beata* ele se perguntará, indicando os níveis de pobreza vigentes em seu tempo: “A quem falta um pão pode faltar a possibilidade de morrer?” (XXV, 1). Ainda que em outra passagem dirá que “a natureza contenta-se com pão e água! Ora ninguém é tão pobre assim” (*Epistulae Morales*, XXV, 4).

<sup>12</sup> *Epistulae Morales*, XC, 8.

<sup>13</sup> *Ad Heluiam de Consolatione*, VI, 2-4.

<sup>14</sup> *Epistulae Morales*, XC, 18-19. Cf., ainda, XV, 7.

<sup>15</sup> Essas atividades ilícitas eram variáveis. Algumas delas ficavam na fronteira entre o lícito e o ilícito. É o caso daqueles que procuravam aplicar golpes em incautos e da prostituição. A difusão dessa última é notada por Sêneca (*Epistulae Morales*, LI, 12), que indica que a prostituição de luxo e o agenciamento de prostitutas (as) poderiam ser atividades muito rentáveis, mas “torpíssima” (*Epistulae Morales*, LXXXVII, 16)

<sup>16</sup> Em especial, ao que parece, às atividades ilícitas que comportassem alguma violência para as vítimas. Viver no crime, segundo nos indica Sêneca, não era algo cômodo, mas ditado pela necessidade: “Quantos não se envergonham de roubar!” (*Epistulae Morales*, LXXXVI, 23). E, ainda “quem merece castigo está sempre a espera dele”, pois “o criminoso, em suma, pode ter por vezes a sorte – embora nunca tenha a certeza – de que o seu crime nunca será descoberto!” (*Epistulae Morales*, CV, 7-8).

<sup>17</sup> *Epistulae Morales*, XXIV, 14.

<sup>18</sup> *Idem*, XXV, 4.

<sup>19</sup> *Idem*, LXXXII, 11. Também em XX, 11 Sêneca insiste neste ponto: “A enxerga e os andrajos não são indício seguro de uma mentalidade superior senão quando é evidente que eles são motivados por uma opção, e não suportados por necessidade.”

<sup>20</sup> Em certas passagens, Sêneca qualifica a pobreza como uma desgraça que pode acometer um indivíduo. Esse tipo de afirmação sempre aparece para ressaltar a capacidade do sábio de superar qualquer contratempo e, sabendo que não lhe pertence escapar a eles, não os teme. Isso seria perder o tempo e a tranquilidade necessárias ao cultivo da sabedoria. Normalmente a pobreza é listada a par de outras desventuras, como: a doença, a morte, o exílio, a ignomínia, a perda de um ser querido, a tortura, a prisão. Para alguns exemplos, cf. *Epistulae Morales*, LIX, 8; LXVI, 21; LXX, 16; LXXX, 5; LXXXV, 41. *Ad Heluiam de Consolatione*. IX, 4; VII, 4.

<sup>21</sup> Entre todos os pobres, Sêneca indicará apenas um deles que seria quase exemplar: “Vejo que a ele nada faz falta [...] Demétrio, porém, vive não como alguém que é capaz de desprezar tudo, mas como quem permitiu a posse de tudo aos outros!” (*Epistulae Morales*, LXII, 3). Ou seja, Demétrio vivia como um sábio, desprezando a riqueza. Mas

não o fazia por virtude, mas por indolência. É o máximo a que Sêneca pode ver chegar um pobre, “este quase indigente a quem consagro toda a admiração”.

<sup>22</sup> *Epistulae Morales*, XX, 12: “Há na pobreza uma coisa indispensável para termos alegria: a segurança.”

<sup>23</sup> *Epistulae Morales*, LXXX, 6: “Para te convenceres que a pobreza não é em si um mal bastar-te-á comparares o rosto dos pobres com o dos ricos. Um pobre ri com mais frequência e convicção; nenhuma preocupação o aflige profundamente; mesmo que algum cuidado se insinue nele depressa passará como nuvem ligeira.” Outras passagens que destacam este aspecto em *Hercules Oetaeus*, vv. 652-670 e *ad Polybium de Consolatione*, VI, 1-2.

<sup>24</sup> *Epistulae Morales*, XV, 9. “Qualquer ladrão deixa em paz quem nada tem; mesmo numa estrada infestada o pobre nada tem a temer.”

<sup>25</sup> *Idem*, XVII, 5.

<sup>26</sup> *Idem*, LXVI, 3: “De uma choupana pode sair um grande homem, num pobre corpo disforme e franzino pode morar uma alma grande e bela.” A mesma idéia aparece em LXVI, 24.

<sup>27</sup> *Epistulae Morales*, LXXXVI, 5. Ainda que por várias vezes manifeste seu desprezo pela riqueza. Cf. XCV, 59 para um exemplo.

<sup>28</sup> *Idem*, LXXXIV, 11.

<sup>29</sup> *De Breuitate Vitae*, I, 1; *Ad Heluim de Consolatione*, V, 6 e VI, 1. Por essa irracionalidade, o sábio e a multidão são irreconciliáveis. Essa opinião era compartilhada por todas as escolas filosóficas: “Nunca pretendi agradar ao vulgo; daquilo que eu sei, o vulgo não gosta; daquilo que o vulgo gosta, eu não quero saber. [...] o mesmo te dirão os mestres de todas as outras escolas” (*Epistulae Morales*, XXIX, 10-11). A mesma idéia aparece em *De Vita Beata*, II, 1.

<sup>30</sup> *De Constantia Sapientis*, II, 3-4. Não só Catão sofreu com isso, mas muitos outros homens, citados como exemplos de bons, foram vítimas de um povo mau: *De Beneficiis*, V, XVII, 1-3.

<sup>31</sup> *Epistulae Morales*, XXIX, 11.

<sup>32</sup> *Idem*, XL, 4.

<sup>33</sup> *De Ira*, II, VII, 3 e VIII, 1.

<sup>34</sup> *Epistulae Morales*, CXIX, 17 cf., ainda, *De Vita Beata*, I, 3.

<sup>35</sup> *De Ira*, III, II, 6.

<sup>36</sup> *Epistulae Morales*, VII, 2, 6 e 9. A mesma idéia aparece em X, 1e LII, 9. Na multidão, só homens maus poderiam se sentir bem. Cf. XXV, 7 e LIX, 15.

<sup>37</sup> O próprio Lucílio resiste em aceitar a recomendação de Sêneca: “É natural também que a opinião pública nos afete, e que nos sintamos tristes se formos mal julgados: por-

que não me concedes o direito, tão legítimo, de rezear que façam mau juízo de mim? (*Epistulae Morales*, CXVI, 2). Sêneca, ainda, em certos momentos, vacila perante a idéia de poder receber boa acolhida: “Farei o povo ver que o que faço é de modo consciente” (*De Vita Beata*, XX, 4). Mas o ideal era não vacilar frente à opinião: “É indubitável que aquele que despreza os ataques que partem da multidão coloca-se mais alto do que ela: é próprio da verdadeira grandeza não se sentir ferida. Assim é que a fera poderosa volta-se lentamente diante dos latidos dos cachorros; assim também o forte penhasco desafia o assalto da onda impotente. Aquele que não se irrita, fica inacessível à injúria” (*De Ira*, III, XXV, 3). Para acrescer à relação contraditória de Sêneca com a opinião do vulgo, em outro momento ele relata como bom conselho que Aureus, filósofo de Augusto, teria dito sobre Júlia: “não fazer qualquer coisa para a qual viesses a desejar o perdão da opinião pública, o juiz mais imparcial dos príncipes” (*Ad Marciam de Consolatione*, IV, 3). Mas, fazendo um balanço, cremos ser legítimo concluir que a postura de Sêneca com relação à multidão é, em que pesem suas vacilações, a de mais profundo desprezo e incompreensão, como vai afirmado no corpo do texto. Seu sonho, irrealizado, foi sintetizado em *De Beneficiis*, VI, XLIII, 3: “Quanto à opinião e à fama, que não nos conduzam, mas que nos sigam”.

<sup>38</sup> *De Vita Beata*, II, 2.

<sup>39</sup> Como o servilismo não seria uma característica exclusiva de escravos.

<sup>40</sup> *Epistulae Morales*, CXIII, 32: “Pois fica sabendo: muitas vezes não poderás ser justo sem que façam mau juízo de ti! Em tal circunstância, se te comportares como sábio, até sentirás prazer em ser mau julgado por uma causa nobre!”

<sup>41</sup> *Idem*, LXXX, 2.

<sup>42</sup> *Idem*, LXXVI, 4. Trata-se de um fenômeno bastante duradouro, como é fácil notar. Até hoje nossos “sábios” têm dificuldade em compreender a multidão e não poucas vezes têm imenso desprezo por ela. A multidão segue retribuindo a cortesia... A novidade contemporânea é que a multidão, hoje, sustenta diretamente, pela tributação, uma larga parcela dos nossos “sábios”, que vivem à custa do erário público. Sêneca tinha a vantagem de não ser funcionário público nem ser financiado por lei de incentivo à cultura.

<sup>43</sup> *De Breuitate Vitae*, XVI, 3; *Ad Heluam de Consolatione*, XVII, 2; *Hercules Furens*, 838-839. *Epistulae Morales*, LXXX, 1.

<sup>44</sup> *De Vita Beata*, VII, 3. Em nada recomendadas por Sêneca, como se depreende dessa passagem: “Eu não gostaria de viver rodeado de carrascos ou de tabernas” (*Epistulae Morales*, LI, 4).

<sup>45</sup> *De Vita Beata*, VII, 3.

<sup>46</sup> *Epistulae Morales*, LXXIV, 4. Cf. ainda *Troades*, 1125-1129 e *Phaedra*, 982-983.

<sup>47</sup> *Epistulae Morales*, XCI, 19-20. Para Sêneca, “poderia se pensar que a pior raça de

homens fossem os difusores de boatos, mas não: há também os difusores dos vícios” (CXXIII, 8).

<sup>48</sup> *De Breuitate Vitae*, XVIII, 5. Em outro momento, Sêneca alertará que os que têm fome e sede “são difíceis e rabugentos”, como os idosos, convalescentes e aqueles que se sentem extenuados por um esforço enorme. *De Ira*, II, X, 4.